

75 MAR 1940

"PENSAMENTO,"

Porto

Novos caminhos da poesia

Por VALDEMAR CARDOSO

A revista «Sol Nascente» acaba de editar o poema «Sinfonia de Guerra», do seu colaborador, como crítico e como poeta, António Ramos de Almeida.

Este livro apresenta características tão especiais a isolá-lo dentro do quadro da moderna poesia portuguesa, que não pode passar despercebido como tantos que se exibem nas montras das nossas livrarias.

Vamos tentar estudá-las.

Na poesia de R. A. não encontramos os conflitos interiores de carácter metafísico que vertebralizam parte da nossa actual poesia. Não se observa aquela colisão entre o poeta, sempre em busca do ideal — dos desenhos de Júlio — e o homem de carne e osso, sujeito a tôdas as necessidades e prêsas de tôdas as convenções. Não há neste poeta essa dissociação interior, essa colisão psicológica, mas pelo contrário, o artista e o homem surgem-nos solidários e perfeitamente fundidos. Desta completa identidade resulta uma poesia natural e simples, sem o hermetismo ou as incontroláveis excavações psicológicas de tantos poetas nossos. As palavras aqui têm o seu quotidiano valor de representações imediatas e não o de simples sons ou de símbolos encarregados de sugerir vagamente destrambelhadas posturas psicológicas.

Como consequência desta síntese de entidades que habitualmente vemos tratadas de contrárias, não podíamos esperar de Ramos de Almeida uma poesia reduzida a simples varinha de condão, modificadora do objectivo. Não, ela teria de ser algo de diferente, que reflectisse ao mesmo tempo a sua sensibilidade de artista e as suas preocupações de homem inteirado das realidades do seu mundo. Eis o que «Sinfonia da Guerra», acima de tudo, representa.

Como o seu título indica, o motivo central do livro é a guerra. Não é a primeira vez que a luta entre os homens serve de nascente à inspiração dos artistas. Mas quasi sempre as obras saem-lhes das mãos sem sinceridade, frias, e isto porque elles se occupam da guerra como meros espectadores, vendo nela um motivo mais ou menos fecundo, cantando-a pictóricamente.

Só naquêles que a viveram realmente, com tôda a sua personalidade de artistas e homens, nesses admiráveis poetas da recente tragédia espanhola, num García Lorca, num Pablo Neruda ou num António Machado é que ela nos aparece viva, através de uma poesia espontânea, vibrante de amor e ódio, de esperança e desalento...

Nos restantes ela surge-nos falsa, vista apenas pelo seu lado exterior, revelando não ter sido mais do que um assunto que o artista não viveu.

R. de A. conseguiu divorciar-se quasi ins-

saísmo de emoção e de ambiente. Por vezes até a inspiração iguala-se à de certos fados de viola, como acontece na primeira estrofe dessa feíssima «Mobilização».

Tais são os principais defeitos resultantes da delicada situação poética em que o autor se collocou. Mas a par disso, quanta beleza, quanta frescura de emoção e principalmente quanta humanidade ressaltam dos admiráveis poemas «Viagem», «Guerra no mar», «Terra de Nin-

teiramente dessa tendência para ir buscar os motivos poéticos ao aspecto exterior da guerra.

«Derrocada da Catedral», poema interessante na sua riqueza verbal — embora chegue a cair no retórico e no empolado — só através duma leitura leviana pode servir de exemplo dessa tentação, pois éle é riquíssimo do verdadeiro significado interior que abunda em quasi todo o livro. Simboliza o ruir duma super-estrutura «soi-disant» eterna.

Mas a característica dominante e que confere um real interesse à obra, é ser-nos a guerra apresentada como o golpe tremendo, a brutal suspensão na cadência da vida que o trabalho ritmou.

« — A vida foi cortada por um traço».

« — Enxadas, charruas, quedaram-se inertes
Membros de ferro sem dô decepados».

Esta atitude poética perante a guerra, de renúncia a um intelectualismo de conteúdo (que se anunciava em «Sinal de Alarme») imprimiu ao livro características especiais, quer no aspecto meramente formal quer no seu conteúdo poético.

Em primeiro lugar observa-se uma diluição da personalidade do poeta que assim abdica da sua riqueza intelectual e emotiva, para viver o drama da guerra através da emotividade ingénua dos seus heróis obscuros.

Por isso a dor que ressaltava de quasi todo o livro, não é uma dor complicada, intellectual, mas a dor bem simples do camponês que larga a enxada, do pescador que deixa as suas rêdes, para, empurrado por um ódio a que é alheio, ir lutar contra outro pescador, outro camponês, igualmente bom e igualmente triste...

Este deliberado nivelamento emotivo exige uma renúncia absoluta às acrobacias psicológicas e malabarismos de expressão que são o único recurso de tantos poetas. De contrário cai no erro de certos desenhos, que, querendo dar pela ingenuidade de técnica e de motivos, os tão cubiçados tesouros da sensibilidade infantil, atraem contudo, por um pormenor, a maturidade intellectual e psicológica do autor.

É o que sucede em «Sinfonia da Guerra». Por vezes, essa singeleza e ingenuidade revelam-se como atitudes prè-poéticas, porisso que o artista não se conseguiu desembaraçar de tôda a sua riqueza interior, inexistente naquêles através dos quais éle nos quiz mostrar a guerra.

Em outras passagens nota-se uma procura de imagens e expressões capazes de restaurar o clima de simplicidade dominante na obra.

« — Aconteceu-nos pior
Que a morte do boi».

Noutras ainda, não é atingido o limiar poético indispensável para as salvar do pro-

guém», «O primeiro soldado que tombou» e esse feliz poema final.

O prefácio de Rodrigo Soares é perfeito e reflecte duma maneira clara a nova atitude perante os fenómenos artísticos; quanto ao post-facio de Joaquim Namorado, éle traduz com uma clareza e imparcialidade inexcedidas, qual a posição dos novos artistas perante o pseudo-conflito entre «arte ao serviço» e «umbilicalismo artístico».